# Do conhecimento à opinião há erro\* - 26/08/2019

Russell tratará de verificar se conseguimos distinguir entre crenças  
verdadeiras e falsas, iniciando com o que significa conhecer. Se parece que o  
conhecimento é o resultado de uma crença verdadeira, pode às vezes acontecer  
de uma crença verdadeira ser deduzida de uma crença falsa e isso não resulta  
em conhecimento. Ou de um processo falacioso de raciocínio, até mesmo com  
premissas e conclusão verdadeiras.  
  
Segundo Russell, o conhecimento é algo deduzido de premissas conhecidas, ou  
seja, um conhecimento derivativo de premissas conhecidas intuitivamente, desde  
que assumida uma conexão lógica válida. Há, até mesmo, conhecimento que pode  
ser uma inferência de uma notícia de jornal obtido pelos dados-dos-sentidos da  
leitura da notícia que não é, de fato, uma inferência lógica, mas inferência  
psicológica. Russell diz que não há uma definição precisa de conhecimento pois  
este pode ser estender até a provável opinião. Se o conhecimento derivativo  
depende do indutivo, o último não tem um critério certo de conhecimento ou  
erro[i].  
  
Russell, então, compara o conhecimento de verdades, que corresponde ao  
complexo dito no capítulo anterior, com o conhecimento por familiaridade e  
situa o último como dependente da percepção e não suscetível ao julgamento que  
pode acarretar em erro. Então ele distingue os dois tipos de autoevidência que  
se seguem.  
  
Conhecimento autoevidente de um fato particular fica privado a uma pessoa:  
dados-dos-sentidos, um sentimento, já fatos relacionados a universais não têm  
essa privacidade e podem ser conhecidos por muitas mentes por familiaridade.  
Assim, uma garantia absolutamente de autoevidência é quando conhecemos por  
familiaridade os termos e a relação envolvidos em um complexo, neste caso o  
julgamento de que os termos estão relacionados deve ser verdadeiro.  
  
Entretanto, passar da percepção de um fato complexo ao seu julgamento não é um  
processo infalível porque pode terminar em não correspondência devido a algum  
erro. Já o segundo caso de autoevidência apresenta graus, não por conta dos  
dados-dos-sentidos, mas pelos julgamentos duvidosos sobre eles[ii]. Já nos  
conhecimentos derivados, as últimas premissas devem ter alto grau de  
autoevidência, como quando em matemática partimos de axiomas e devemos  
demonstrar os resultados.  
  
Encerrando, Russell argumenta que se no que acreditamos é verdade, tem-se  
conhecimento, seja intuitivo ou inferido, caso contrário se falso é erro e,  
não sendo ambos, é uma opinião provável. Na base, há o conhecimento intuitivo  
em proporção aos graus de autoevidência. A opinião provável pode se valer do  
critério da coerência que é usado nas ciências e filosofia, mas que por si só  
não se transforma em conhecimento indubitável.  
  
   
  
\* \* \*  
  
   
  
\* Bertrand Russell, Problems of Philosophy. KNOWLEDGE, ERROR, AND PROBABLE OPINION. Acessado em 12/7/2019: <http://www.ditext.com/russell/rus13.html>. Ver o seguinte fichamento e os anteriores: <https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2019/07/a-unidade-complexa-de-russell.html>.  
  
[i] Conforme Russell: “all our knowledge of truths is infected with some  
degree of doubt, and a theory which ignored this fact would be plainly wrong”.  
  
[ii] Graus como ocorrem na afinação de um instrumento, ele cita.